

CHAPEUZINHO VERMELHO, CHAPEUZINHO AMARELO, FITA VERDE NO CABELO: A MUDANÇA DE SIGNOS E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS NA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA.

Silvana Elizabete de Andrade¹

Célia Maria da Silva²

Cândida Selma Paiva³

*Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
silvanaelizabete@hotmail.com*

Resumo: O presente artigo objetiva apresentar um estado da arte sobre o a tradução/transcrição intersemiótica e Literatura Infanto-juvenil, em forma de pesquisa, apontando alguns pressupostos assumidos por diferentes teóricos que se engajam em tal assunto. A pesquisa que originou este trabalho é documental, de natureza qualitativa, e foi realizada durante a disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, do curso de Letras a Distância, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A discussão promovida gira em torno da transcrição intersemiótica, da releitura dos contos de fadas elaborados por autores de grande porte como Guimarães Rosa em “Fita verde no cabelo”, Chico Buarque de Holanda em “Chapeuzinho Amarelo” e histórias originárias dos irmãos Grimm “Chapeuzinho Vermelho”, onde iremos falar sobre o processo de tradução de um texto em outro dentro do mesmo código linguístico, levando em consideração aspectos culturais, sociais e do público que se quer atingir.

¹ Graduada em Ciências Contábeis – UERN; Pós-Graduada em Formação do Educador em Práticas Interdisciplinares – UERN; Graduada em Letras Língua Portuguesa na Modalidade a Distância – UERN; Assistente Técnico Administrativo da UERN.

² Graduada em Pedagogia – UERN; Pós Graduada em Formação do Educador em Práticas Interdisciplinares – UERN; Aluna do Curso de Letras Língua Portuguesa na Modalidade a Distância – UERN; Professora da Rede Básica de Ensino no Estado do Rio Grande do Norte.

³ Graduada em Letras Língua Portuguesa na Modalidade a Distância – UERN; Funcionária Pública da Prefeitura Municipal de Patu. (83) 3322.3222

Palavras-Chaves: Tradução, Transcrição, Intersemiótica, Literatura infanto-Juvenil.

INTRODUÇÃO

A Literatura Infanto-Juvenil foi, durante muito tempo, considerada um gênero “menor”, porém nos últimos anos vem ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas sob o olhar das traduções e das transcrições intersemióticas, onde cada vez mais percebemos os contos de fadas sendo adaptado para o cinema e teatro, assim como grandes clássicos da literatura infanto-juvenil sendo reformulado sob um novo olhar como é o caso do conto “Fita Verde no Cabelo” de Guimarães Rosa e “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque no contexto das traduções e transcrições intersemióticas.

Partindo dessa perspectiva, e após a realização de uma breve pesquisa sobre esse assunto, podemos dizer que em linhas gerais o campo da Literatura Infanto-Juvenil é permeado de tradução, num processo linguístico complexo, iremos nos deter na tradução com base em códigos diferentes, levando em consideração aspectos cultural; público a que se destina a obra traduzida ou transcrita; e contexto social em que a obra foi escrita, bem como o processo de construção de novos sentidos.

A pesquisa pautou-se basicamente em buscas de sites e livros voltados para o assunto, e algumas leituras de obras originárias readaptadas, a visualização de alguns filmes que tiveram uma tradução intersemiótica. Dentre esses livros estudados, destacamos “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque de Holanda, com os desenhos de Ziraldo que congregam o verbal e não verbal num material impresso próprio para crianças e jovens. Destacamos este livro por ter um visual amplamente explorado que muitas vezes falam muito mais do que as próprias palavras.

Nesse sentido, comungamos com Fernandes (2013) quando diz que: “Congregar o verbal e o não verbal em materiais expressos para crianças e jovens sempre foi algo mais comum que em outros tipos de materiais, em que o visual permanecia invisível até começar a ser explorado pelas tecnologias computacionais e surgir realçado em diferentes contextos.”

Assim, a tradução de livros para crianças e jovens sempre foi uma constante, uma vez que a maioria dos contos de fadas que conhecemos no Brasil foram traduções dos contos europeus, os quais foram traduzidos da linguagem oral

para a escrita. Nesse cenário, estudos mostram que até 1970, a grande maioria das produções literárias destinadas para crianças e jovens brasileiros consiste de traduções de textos estrangeiros. Porém, no fim desta década este cenário foi se modificando e forma surgindo produções nacionais de autores nacionais exclusivamente para o público infanto-juvenil, como mostra Lajolo e Zilberman em:

Somente a partir da 4ª fase, dos anos 1970 para cá, diante da reestruturação política e econômica que o Brasil vivenciou, após o regime militar, o país se viu diante de uma nova conjuntura, especialmente em meados dos anos 1980, e o setor produtivo de obras literárias infanto-juvenis se expandiu com sucessivas publicações e com o surgimento de muitas livrarias e ações voltadas para os jovens leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

O novo contexto sociopolítico envolvia a defesa de uma literatura voltada ao público infantil e juvenil e que não ficassem apenas nas traduções ou adaptação, transposição livre ou reescritura de contos estrangeiros. Nesse sentido evidenciamos a importância de conhecermos a história da literatura infanto-juvenil para podermos entender suas traduções, adaptações ou releituras no mundo da semiótica e da intersemiótica o qual iremos discutir a seguir.

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO, TRANSMUTAÇÃO, REESCRITURA, INTERTEXTUALIDADE E INTERSEMIÓTICA: CONCEITOS BÁSICOS.

A partir de pesquisas realizadas sobre este assunto, podemos evidenciar que acerca da tradução, Jakobson (2001, p.65) define “a tradução intersemiótica como a tradução que ocorre quando há a interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”. O processo de adaptação de obras literárias é, dessa forma, reinterpretado e ressignificado em outra linguagem, assim, Como fala Pinta (2012) “os signos lidos na obra impressa ganham sonoridade e/ou visualidade e, então, transformam-se em outros signos”.

Para entendermos melhor a questão da adaptação temos que saber distinguir adaptação local e global. Assim:

A adaptação local restringe - se a partes isoladas do texto - fonte e não engloba o produto da tradução como um todo. Pode ocorrer tanto devido à falta de equivalentes lexicais na língua de chegada como à não existência, na cultura de chegada, de um contexto cultural abordado no texto fonte. Já a adaptação global abrange o texto - fonte como um

todo, reformulando - o de acordo de acordo com fatores externos a ele e operando mudanças profundas em seu conjunto. A ideia de adaptação adotada aqui se trata da adaptação global, visto que na tradução intersemiótica de literatura para os quadrinhos, muitos signos que não estavam presentes são criados, e outros que estavam presentes são suprimidos. Novas marcas são inseridas de acordo com o projeto de adaptação. (ALVES, ANCHIETA, FRASÃO, 2013, p.100)

Sobre a tradução intersemiótica, utilizaremos os conhecimentos de Domingos (2008), “Os signos, também, são realidades construídas com substâncias do mundo exterior para representar realidades, embora entre ambos haja sempre defasagens, como em todo objeto novo e o seu antecessor”. Trata-se de uma lei natural de semiose, existente no universo. Todo novo objeto é um composto de algo do passado, concretizado na mente sempre em um momento presente e com certo estranhamento diferenciador do anterior, mas que se projeta para o futuro como virtual gerador de um novo objeto.

Nesse sentido, podemos dizer que tradução intersemiótica é um processo de tradução de um texto em outro, em outra linguagem. É um processo linguístico complexo que consiste em adaptar um texto, um livro em outra obra originária para um público específico. A tradução intersemiótica é tida como dois sistemas de signos linguísticos distinto, de livro ou de uma peça teatral para um filme, ou seja, transformar dois universos distintos de linguagem em visual ou auditivo.

Para Júlio Plaza (2003), Tradução Intersemiótica é: “A tradução intersemiótica ou “transmutação” consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais ou de um signo para o outro, da arte verbal para a música, o cinema, ou a pintura” . itas vezes a fidelidade nas traduções é questionada, mas não se pode levar uma total fidelidade em consideração, pois uma vez feita à tradução da obra, há o surgimento de uma nova obra. A original será apenas a base para outra obra que será também original, por esse motivo a obra que serviu de inspiração será chamada de obra originária. Nesse contexto, uma tradução intersemiótica é uma recriação, uma releitura, uma transculturação, uma intertextualidade em dois sistemas lingüísticos de signos distintos que foi adaptado para outros signos audiovisuais ou teatrais que utilizam outros elementos que, muitas vezes, exigem a modificação do texto originário, pois na releitura, o autor busca imprimir na obra suas interpretações, levando e conta os costumes, a língua, o contexto histórico e social em que vive. Todas essas questões devem ser levadas em

consideração na escolha dos signos para mostrar a essência dos personagens e a significação da história contada sob uma ótica diferente.

Assim, é pertinente ressaltar que a intertextualidade é um recurso importante na transmutação entre textos, uma vez que consiste em estabelecer uma relação entre textos, sendo um recriado a partir do outro. Nesta perspectiva é possível afirmar que a intertextualidade é um diálogo entre textos. Dessa forma, podemos ver várias traduções da literatura infanto-juvenil, como vemos no conto “Chapeuzinho vermelho” dos irmãos Grimm que foi inspiração para a tradução/releitura de “Laço de fita verde na cabeça” de Guimarães Rosa. Esse exemplo de tradução é suficiente para explicar que em toda tradução se deve utilizar métodos que explorem a escolha de signos linguísticos para que a textualização original seja reestruturada e haja mesmo uma (re)textualização, uma mudança de sentido, com um novo olhar sobre a questão debatida na obra originária, tornando-se dessa forma uma outra obra autônoma e totalmente distinta da versão principal.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: SITUANDO O LEITOR.

Chapeuzinho Vermelho é considerado um dos mais conhecidos clássicos da Literatura Infanto-Juvenil em todo o mundo e uma das mais adaptadas também. De acordo com as informações históricas, a primeira versão foi produzida por Charles Perrault por volta de 1697. A segunda versão é de responsabilidade dos irmãos GRIMM (versão em estudo) que em 1812 produziram a incorporaram em seus contos. Narra à história de uma menina que ao seguir pela floresta para a casa da vovó para cumprir o que sua mãe havia estabelecido (levar doces para a vovó) ela se desvia do caminho e encontra o lobo mal e este por meio de sua astúcia a engana chegando primeiro na casa da vovó e a devora. Depois assume a postura de vovó e devora também Chapeuzinho vermelho. Como nos contos de fada o final sempre é feliz, elas foram salvas pelo caçador.

Fita verde no cabelo é um conto de Guimarães Rosa, segundo informações o referido conto foi publicado em 1964 e apresenta uma relação de intertextualidade com a história de Chapeuzinho Vermelho, sendo que neste conto o autor desconstrói sentidos do texto “base” e narra à trajetória de uma garota que mora em uma aldeia e sai para visitar a sua avó, durante a trajetória a garota supera a sua ingenuidade (perde o laço de fita) e vivencia a morte da sua

vovó, sendo que todo sofrimento e experiências vivenciadas são subsídios para o seu “amadurecimento.”

Chapeuzinho Amarelo é um poema de Chico Buarque, sendo também uma adaptação de Chapeuzinho Vermelho. Nessa obra o autor conta a história de uma menina conhecida por Chapeuzinho Amarelo, a qual era o contrário de Chapeuzinho Vermelho, isto é, uma menina que vivia acometida por todos os medos, inclusive do lobo mal “fantasioso” que era representado pela sua consciência. No final do poema é possível perceber uma superação dos “medos”.

CHAPEUZINHO VERMELHO, CHAPEUZINHO AMARELO, FITA VERDE NO CABELO: UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE ASPECTOS DECORRENTES DA TRANSMUTAÇÃO INTERSEMIÓTICA.

É indiscutível que a transmutação / tradução intersemiótica é um processo que ocorre desde os tempos remotos, principalmente, com os textos literários, onde as múltiplas reescrituras acontecem até hoje, sendo que muitos mantêm um discurso parafrásico contido da obra “base enquanto outros incorporam novos sentidos”. Assim, em algumas transmutações há a presença de uma paráfrase (mantêm o sentido da versão original) e em outras há marcas da polissemia (novos sentidos são produzidos). Levando-se em consideração a obra literária “Chapeuzinho Amarelo”, é perceptível que esta estabelece uma relação de intertextualidade com a história clássica de “Chapeuzinho Vermelho”, porém novos sentidos são empregados por Chico Buarque, principalmente para o MEDO. Enquanto no clássico universal o medo parece uma característica real, surgido a partir da presença do lobo, no texto de Buarque, o lobo pode ser considerado uma conotação para representar o maior dos medos, já que a protagonista tinha medo de “tudo”, e principalmente do “lobo fantasioso”, como fica explícito no trecho seguinte: “E de todos os medos que tinha o medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO. Um LOBO que nunca se via que morava lá pra longe, do outro lado da montanha, num buraco da Alemanha, cheio de teia de aranha, numa terra tão estranha, que vai ver que o tal do LOBO nem existia.”

É notável também por meio dessa analogia entre os textos citados que há uma inversão de valores, pois enquanto na versão de GRIM, o lobo pode ser considerado forte e dominador e Chapeuzinho uma menina indefesa, ingênua, no texto poético de Buarque o eu- lírico feminino torna-

se forte, superando seus medos (representado o amadurecimento da mesma) e o lobo fraco e dominado, ocorrendo assim uma desconstrução de sentidos. Esta inversão de valores e produção de novos sentidos pode ser observada na seguinte passagem: “Aí, Chapeuzinho encheu o peito e disse: “Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!” E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava já não era mais um LO-BO. Era um BO-LO. Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo de Chapeuzim. Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim.” Outro aspecto analisado refere-se aos constantes diálogos que foram incrementados em “Chapeuzinho Vermelho” (entre a mãe e Chapeuzinho, entre o lobo e Chapeuzinho, entre a vovó e o lobo, etc.) e que não aparecem em Chapeuzinho Amarelo, sendo possível observar apenas a voz do narrador e da menina que assume uma identidade que sofre mudanças ao longo do texto. Com relação à linguagem, o clássico é redigido em prosa por isso assume uma linguagem objetiva, direta e de fácil compreensão. Já no texto transmutado, fica evidente que a linguagem é poética com a presença de alguns recursos, tais como: versos, estrofes, musicalidade, etc.

Analisando alguns aspectos do conto “Fita Verde no cabelo” de Guimarães Rosa, no processo de transmutação, observamos também uma relação intertextual com a história de Chapeuzinho Vermelho, no entanto, o referido conto no seu enredo, conta a história de uma menina que vai à casa da sua avó e por escolher o caminho mais longo tem que enfrentar várias consequências. É possível ressaltar que enquanto o desenrolar da história de Chapeuzinho Vermelho é totalmente clara, o do conto de Rosa é um pouco complexo e requer muita competência do leitor no ato da leitura, uma vez que o texto é rico em informações implícitas.

Dessa forma, é possível ressaltar alguns aspectos no processo de transmutação intersemiótica entre os textos sendo possível perceber que estes apresentam algumas semelhanças. Por se tratar de um conto, o texto de Guimarães Rosa, assim como “Chapeuzinho Vermelho” explora elementos básicos de uma narrativa como a presença do dialogismo e do discurso direto como nos mostra os trechos a seguir:

“ - Bom dia, Chapeuzinho Vermelho, - disse o lobo todo dengoso.

- Muito obrigada, lobo.

- Aonde vais, assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

- Vou à casa da vovó.

- E que levas aí nesse cestinho?

- Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com que se fortificar.

- Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?”

Marcas do discurso direto também são evidentes nos diálogos do texto “Fita Verde no cabelo:”

– Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

– É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

– Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

– É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

Considerando os aspectos que se diferem nos últimos dois textos em estudo, refere-se ao emprego da linguagem figurativa no conto de Rosa, uma vez que em Chapeuzinho Vermelho, o lobo assume a “identidade” real de um animal, sendo um antagonista, já no texto fita verde no cabelo, o lobo representa a própria “consciência da menina” e a “fita verde” a ingenuidade, a pureza. Daí a riqueza com relação ao emprego da linguagem conotativa e construção de novos sentidos: “Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada.” Nesta passagem, a produção de um sentido figurativo representa o amadurecimento e a superação da inocência da protagonista do conto.

Outro aspecto que merece destaque é o ambiente/espço onde se desenrolam os acontecimentos, sendo no texto base, o cenário é uma floresta e no conto de Guimarães Rosa, o espaço é uma aldeia. Portanto, em ambos há a presença de recursos naturais (plantas, flores, etc) e o ambiente urbano não é mencionado ou explorado nos textos em estudo. Outro fator que foge da perspectiva tradicional são as

consequências produzidas pela “desobediência”, pois no clássico, conduz a personagem a uma aprendizagem com relação às regras familiares e aos “castigos” pela desobediência, no conto a desobediência leva a reflexão, ao amadurecimento e por fim a “morte”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, podemos dizer que comprovamos, na realização deste trabalho, que a literatura infanto-juvenil e suas releituras têm um objetivo específico de levar esse o público infantil e juvenil à prática da leitura; motivar e incentivar que essa prática se torne um hábito de vida, e que não seja apenas para a aula, ou na escola, e sim para a vida e na vida. Pois, esses contos trazem reflexões que contribuem para a formação psicológica da criança, como a superação dos medos, em “Chapeuzinho Amarelo” e a lidar com a morte, como em “Fita verde no cabelo”. Destacamos também a importância das traduções intersemiótica dos filmes e peças teatrais que fazem com que a criança e os jovens a se aproximem mais desse mundo da literatura. Pois, como nos fala Almeida (2001) “o processo de expressar conhecimentos, valores e afetos por meio de imagens visuais, sons, gestos e palavras ajuda os alunos a compreender melhor os conhecimentos, e sentimentos que tentam expressar, conferindo sentidos plenos à atividade que realizam”

Assim, o ato de ver peças teatrais e de assistir filmes que foram adaptados dos clássicos da literatura infanto-juvenil faz com que se entendam muito mais o assunto abordado, pois transcrição intersemiótica sempre faz com que as leituras de livros imensos e cansativos sejam visto de forma prazerosa, quando transcrito para a linguagem visual e audiovisual do cinema ou do teatro, tornando assim a leitura e a literatura, um ato de prazer, lazer e entretenimento.

REFERÊNCIAS:

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantiljuvenil. [3.ed. São Paulo: Quíron, 1985.] São Paulo: Ática, 1990.

GRIMM, J.; GRIMM, W. Contos de Grimm. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989.

GUIMARÃES, E. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995GRIMM, J.;

GRIMM, W. Contos de Grimm. Trad. Tatiana elinky. São Paulo: Paulus, 1989.HOLANDA, F. B.

Chapeuzinho Amarelo. Rio de Janeiro. Berlendis&Vertichia Editores, 1979.

HOLANDA, F. B. Chapeuzinho Amarelo. Rio de Janeiro. Berlendis&Vertichia Editores, 1979.

LERNER, Delia. É preciso dar sentido à leitura. Nova Escola. São Paulo: Abril, 2006.

PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. Perspectiva: São Paulo, 2003.

ROSA, João Guimarães. Fita Verde no Cabelo. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 13ª, 1992.

SACRAMENTO, Sandra Maria. Literatura infanto-juvenil. Editus, 2011.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003

_____ Como e por que ler a literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

<http://www.cchla.ufpb.br/encult4/index.php/eixos-tematicos/traducaointersemiotica/>

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390/4934>

[http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/traducao_intersemiotic a.pdf](http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/traducao_intersemiotic_a.pdf)